

# A METÁFORA DO CORPO OU A MEMÓRIA DE UM ESQUECIMENTO

(*Beschreibung eines Kampfes*, de Franz Kafka)\*

MARIA HELENA TOPA

## I. Introdução

*Beschreibung eines Kampfes* (doravante: BK\*\*), tanto quanto se sabe a primeira narrativa “acabada” que se obteve de Kafka, texto que

---

\* Este trabalho foi realizado no âmbito do seminário de Mestrado de Literatura Comparada-Estudos Alemães, subordinado ao tema “Linguagens do Modernismo e os Discursos da Modernidade (1880-1925)”, no ano lectivo de 1988/89, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação do Prof. João Barrento, a quem devo um agradecimento muito especial pela forma como orientou, acolheu e criticou o presente ensaio, mas também pelas observações imprescindíveis à sua publicação.

\*\* Por uma questão de comodidade e economia de notas, as citações dos vários textos serão identificadas através de abreviaturas, de que se segue um índice, e do número da página da respectiva edição 1) Obras de KAFKA: B = *Briefe* (in *ÜS+IBS*); BK = *Beschreibung eines Kampfes* (Hg.v. Max Brod), Frankfurt/M., Fischer, 1980 (texto nas pp. 7-50); E = *Sämtliche Erzählungen*, (Hg. v. Paul Raabe), Frankfurt/M., Fischer, 1970; F = *Briefe an Felice* (in *ÜS*); GB = “Gespräch mit dem Beter” (in BK, pp. 32-35); H = *Hochzeitsvorbereitungen auf dem Lande* (in *ÜS+IBS*); IBS = *Eine innere Biographie in Selbstzeugnissen*, (Hg. v. Heinz Politzer), Frankfurt/M., Fischer, 1983; T = *Tagebücher* (in *ÜS+IBS*); ÜS = *Über das Schreiben*, (Hg. v. Erich Heller und Joachim Beug), Frankfurt/M., Fischer, 1983. 2 ) Obras de HOFMANNSTHAL: BZ = “Briefe des Zurückgekehrten” (1, 4, 5), in *Ausgewählte Schriften*, Frankfurt/M., S.Fischer, 1957, vol.II, pp.475-501; LCH = “Ein Brief” (Carta de Lord Chandos), in *Gesammelte Werke*, Bd. 7 Frankfurt/M., Fisher, 1979, pp. 461-472, 3) Obra de NIETZSCHE: WL = “Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinne”, in *Sämtliche Werke*, Kritische Studienausgabc, Ed. Colli/Montinari, München/Berlin, New York, dtv/de Gruyter, 1980, vol. I, pp. 875-890.

inaugura as sessões de leitura dos seus escritos a Max Brod<sup>(1)</sup>, é, de entre as obras kafkianas, provavelmente aquela cuja datação originou maior debate por parte da crítica.

O texto conhecido sob este título apresenta basicamente duas versões que distam temporalmente de pelo menos três anos (1904-1907)<sup>(3)</sup>, encontrando-se ainda editado numa versão mista elaborada por M. Brod em 1936<sup>(4)</sup>. As publicações várias dos textos integrais das duas versões são póstumas, tendo Kafka publicado em vida apenas dois fragmentos maiores da primeira versão, na revista *Hyperion*<sup>(5)</sup>, nomeadamente “Gespräch mit dem Beter” e “Gespräch mit dem Betrunkenen”, no número de Março/Abril de 1909, além de um ciclo de pequenos textos extraídos igualmente da primeira versão de *BK*, com o título *Betrachtung*, em 1908, no primeiro número da revista.

Trata-se, pois, de um texto cujo carácter eminentemente fragmentário (e fragmentável) coloca a questão da sua existência (e persistência) em vários textos, enquanto vários textos, isto é, a sua pluritextualidade, de forma extrema.

No presente trabalho, ater-nos-emos quase exclusivamente ao texto da versão mista, porventura a mais divulgada e mais acessível. Embora a problemática específica das versões não constitua o cerne da nossa análise, sublinhem-se alguns aspectos que se prendem com a complexa e intrincada composição do texto em que nos basearemos:

---

(1) Max Brod, posfácio a *Franz Kafka - 'Beschreibung eines Kampfes' - Die zwei Fassungen* (Parallelausgabe, Text Ed. L.Dietz), Frankfurt/M., S.Fischer, 1969, p.154.

(2) *Id.*, *ib.*, p.154: Max Brod aponta para os anos entre 1902-04. Heinz Politzer refere os anos de 1904/05 para a redacção da primeira versão (cf. *IBS*, 265).

(3) Jost Schillemeit - “Kafkas ‘Beschreibung eines Kampfes’ Ein Beitrag zum Textverständnis und zur Geschichte von Kafkas Schreiben”, in *Der junge Kafka*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1984, pp.102-132.

(4) Max Brod - ‘Beschreibung eines Kampfes’ - *Novellen, Skizzen, Aphorismen, Aus dem Nachlaß*, Heinrich Mercy Sohn (=Gesammelte Schriften, Hg. v. Max Brod mit Heinz Politzer), Bd.V, 1936.

(5) “*Hyperion*”, revista luxuosa de artes e letras, bimensal, editada por Franz Blei e Carl Sternheim, entre 1908-10.



1. As versões diferem entre si sobretudo pela composição, selecção e articulação dos vários episódios narrados, apresentando a primeira uma estrutura triádica-circular<sup>(6)</sup>, portanto mais fechada, caracterizando-se a segunda por uma maior concisão e linearidade narrativa.
2. A segunda versão omite, relativamente à primeira, episódios inteiros (caso de "Der Dicke"), introduz outros (cf. o fragmento "Kinder auf der Landstraße" do ciclo *Betrachtung*), reformulando ainda outros, muito particularmente GB.
3. Na fusão das duas versões, M. Brod privilegiou a estrutura da primeira, tomando-a como enquadramento, preterindo-a, no entanto, quando a segunda dela difere de forma substancial (caso de GB), isto é, quando se verificam formulações mais radicalizadas de determinadas questões centrais, como seja a crítica dos fundamentos da linguagem que se patenteia em GB.
4. A versão mista é, pois, uma sobreposição de duas concepções textuais e narrativas de base diferente, uma fusão de dois estilos, em suma, um texto cuja autoria não é uma questão totalmente pacífica.

Contrariando a perspectiva da crítica kafkiana de linha mais tradicionalista e do próprio Kafka, que apontam quase invariavelmente a génese de *Das Urteil* como momento de ruptura-*virgem* ("Durchbruch") face à produção de juventude<sup>(9)</sup>, propomo-nos, seguindo

---

<sup>(6)</sup> Jost Schillemeit, *op.cit.*, p.14.

<sup>(7)</sup> *Id.*, *ib.*, p.126.

<sup>(8)</sup> *Id.*, *ib.* Trata-se de um artigo que oferece um criterioso confronto entre as duas versões e respectivos princípios constitutivos. Sendo embora um problema teórico e filológico interessante, particularmente relevante para esta e outras obras de Kafka, o âmbito deste trabalho não permite um tratamento mais alongado.

<sup>(9)</sup> Cf. Wilhelm Emrich - *Franz Kafka (Das Baugesetz seiner Dichtung - Der mündige Mensch jenseits von Nihilismus und Tradition)*, Bonn, Athenäum, 1958, p. 45.

aliás tendências mais recentes da crítica<sup>(10)</sup>, encarar o texto *BK* como gérmen da constituição de uma poética, na qual a crítica da linguagem e a situação específica do sujeito nela investido ganham um relevo que se reencontra na sua escrita subsequente. De facto, em numerosos textos dos diários e da correspondência ou em narrativas como *In der Strafkolonie*, Kafka demonstrará uma propensão para submeter a escrita e a linguagem a uma reflexão teórica ficcionalizada, de forma mais ou menos explícita.

O texto que constitui o nosso objecto de análise será, numa primeira sequência, focado quanto às questões que envolvem a crítica da linguagem, a problematização da figura do sujeito, aspectos estes centrados na parte II do texto (nomeadamente na subdivisão com o título “Der Dicke”), merecendo aí especial enfoque o episódio *GB*, núcleo convergente de onde irradiam *leitmotive* disseminados ao longo do texto, que serão apontados com o devido destaque.

Atravessando o texto e a sua poética deparemos com figuras (e textos) paradigmáticos, cujo cepticismo linguístico os inscreve no contexto mais vasto da crise da(s) linguagem(s) finissecular — referimo-nos, muito particularmente, a Nietzsche e a Hofmannsthal, recorrendo apenas a dois nomes bem conhecidos de Kafka. Na segunda parte deste ensaio, deslocaremos, assim, a perspectiva em direcção aos aspectos teóricos mais salientes que o texto *BK* levanta, articulando-os, sempre que pertinente, com “Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinne” de Nietzsche, “Ein Brief” e “Briefe des Zurückgekehrten” de Hofmannsthal, para além de outros textos da correspondência e do diário do próprio Kafka.

Neste confronto, que pretende situar escrita e poética kafkianas no seio do seu contexto epocal (um pouco recuado em relação ao texto de Nietzsche, mas apenas cronologicamente), sedimentar-se-ão os contornos próprios de uma experiência da linguagem que abre perspectivas para uma nova luta por ela, com ela, apesar dela.

---

<sup>(10)</sup> Walter H. Sokel - “Narzißmus, Magie und die Funktion des Erzählers in Franz Kafkas ‘Beschreiben eines Kampfes’ — Zur Figurenkonzeption, Geschehensstruktur und Poetologie in Kafkas Erstlingswerk”, in *Der junge Kafka*, op.cit., pp.133-153.



## II. 1. O sujeito como ficção

"So schwanke ich also, fliege unaufhörlich zur Spitze des Berges, kann mich aber kaum einen Augenblick oben erhalten."

"Assim vou vacilando, voo incessantemente até ao cume da montanha, mas mal sou capaz de aí permanecer por um instante que seja." Franz Kafka (*T*, 420 — IBS, 199)

Composto essencialmente de três partes, o texto *BK* apresenta uma estrutura circular, progredindo concentricamente em torno do segundo e mais longo capítulo, onde o episódio *GB* constitui um ponto culminante. Avançando até aí na constatação de que é impossível viver, o texto (a)testa os limites dessa impossibilidade. De facto, o multiperspectivismo que cedo o texto instaura, fruto de reduplicações sucessivas da instância narrativa, redundará em obsessivas insistências na rarefacção dos pontos de referência básicos do sujeito: o seu corpo, a sua inserção nas coordenadas espaciais, a relação face ao(s) outro(s).

Durante o passeio nocturno, na parte I do texto, em que o narrador acompanha o seu conhecido ("der Bekannte"), é reiterado um outro motivo afim, o da ausência de segurança que o solo oferece ao sujeito: "...da ein wenig Schnee gefallen ist, sind die Wege draußen wie Schlittschuhbahnen" ("como nevou um pouco, lá fora os caminhos parecem pistas de gelo", *BK*, 8); "Auf dem gefrorenen Schnee durfte man nur kleine Schritte tun." ("Sobre a neve dura só se podia avançar a passo miúdo.", *BK*, 9); "Doch vor einer kleinen Türe der Seminarkirche fiel ich, denn dort war eine Stufe, die ich nicht erwartet hatte" ("Mas caí em frente a uma pequena porta da igreja do seminário, porque havia um degrau com que eu não contara.", *BK*, 16). A acção de nivelamento que a horizontalidade parece mover face ao sujeito faz-se perpetuar através da dor: "Als ich aufzustehn versuchte, fiel ich wieder hin: 'Es ist Glatteis', sagte ich und verspürte einen Schmerz im Knie." ("Quando tentei reerguer-me, caí de novo: 'É gelo', disse eu e senti uma dor no joelho." *BK*, 16). A recuperação da verticalidade torna-se penosa: "Ich schwankte gleich und mußte das Standbild Karl des Vierten streng ansehen, um meines Standpunktes sicher zu sein." ("Vacilei logo e tive de fixar bem a estátua de Carlos IV para me certificar da minha posição.", *BK*, 7): a reorientação e a reaprendizagem

dos limites espaciais obriga a evitar o contacto com o plano horizontal, embora este permaneça enquanto limite e mesmo ameaça: "...es wurde mir leicht, als ich, Schwimmbewegungen (...) machend, ohne Schmerz vorwärts kam. (...) Ich mußte weiterschwimmen, wollte ich nicht zu sehr untertauchen.(...) faßte mein Bekannter meine Hand — Da stand ich wieder auf dem Pflaster und fühlte einen Schmerz im Knie." ("Senti-me aliviado quando, fazendo movimentos de natação, consegui avançar sem dor. (...) Tinha de continuar a nadar se não queria afundar-me demasiado. (...) O meu conhecido agarrou-me pela mão. E aí estava eu outra vez em pé na calçada e senti uma dor no joelho." BK, 17).

A memória dolorosa da presença/ausência de um centro orientador crava-se literalmente no corpo, cindindo, como tal, o horizonte referencial único do sujeito e, por essa via, enfraquecendo o poder vincutivo de ambos. Com efeito, o novo espaço tridimensional apenas momentânea e parcialmente se constitui enquanto alternativa.

De carácter dúplice é igualmente a presença do Eu narrador. O confronto que, desde o início, o opõe ao Tu, a personagem do conhecido, baseia-se (também) numa relação de poder em que o combate pela posse (do discurso) do outro vai tomando corpo: "So weit hatte ich es gebracht. Er durfte mir solche Sachen erzählen (...) Und ich, ich mußte mich zurückhalten" ("Cheguei até ao ponto em que ele me podia contar tais coisas (...) E eu, eu tinha de me refrear", BK, 13). Neste processo, os contornos que definem essa polaridade entre as duas personagens vão-se esfumando, como se depreende de uma passagem em que, assumindo a voz do Tu, o Eu narrador se revê (narrado) através da perspectiva que é pretensamente a do outro: "Morgen wird er [der Bekannte] mit Fräulein Annerl reden(...): Gestern, Annerl, (...), war ich mit einem Menschen beisammen" ("Amanhã, ele [o conhecido] vai falar com a menina Annerl (...): Ontem Annerl, (...), estive com um homem", BK, 12).

Este solilóquio é o início de uma pequena sequência que nos conduz, de forma mais nítida, ao motivo que nos propomos analisar nesta parte, ou seja, a metamorfose algo grotesca da corporeidade do sujeito, sintoma agravado do seu conturbado relacionamento com o espaço e com os outros: "Er sieht aus (...) wie eine Stange in baumelnder Bewegung (...), mit einem schwarzen Schädel oben. Sein Körper ist mit vielen kleinen mattgelben Stoffstückchen behängt, die



ihn völlig bedeckten.” (“A sua aparência é semelhante à de uma vara oscilante (...) com um crânio preto no topo. Do seu corpo pendem muitos pedacinhos de tecido amarelo pálido que o cobriam por completo.”, *BK*, 12). Encetou-se o percurso que levará a entidade do sujeito à volatilização. Sujeito a (mais adequado seria *objecto de* ) incursões violentas na sua consciência de unicidade, esse Eu, ficção do texto, vê-se ainda, para além disso, ficcionalizado adentro das instâncias textuais.

A esperança de reaver a totalidade deposita-se no Tu que, como vimos, não é uma pessoa totalmente demarcada do Eu, podendo ser encarada como um seu duplo<sup>(11)</sup>: “Los mit den Geschichten! Ich will nichts mehr in Brocken hören (...) Aber auf das Ganze brenne ich!” (“Ora venham lá essas histórias! Não quero ouvir mais nada em bocados (...) Mas estou ansioso pelo todo!”, *BK*, 18). Cedência do discurso, mas exigência de totalidade (tentativa de resgatar a unidade perdida?!), uma totalidade feita de linguagem...

A parte II de *BK* leva ao extremo o processo de esvaziamento da corporeidade da linguagem, mas também da do sujeito. O diálogo que o gordo (“Der Dicke”) mantém com aquele que reza (“Der Beter”) traz, de novo, a visão do corpo metamorfoseado, agora de forma mais aguda. Resta o plano, a sombra: “Wie sehen Sie doch aus! Sie sind Ihrer ganzen Länge nach aus Seidenpapier herausgeschnitten, aus gelbem Seidenpapier, so silhouettenartig (...) Sie müssen sich nach dem Luftzug biegen, der gerade im Zimmer ist.” (“Olhe em que estado está! Recortado de cima a baixo em papel de seda, em papel de seda amarelo, como uma silhueta (...) Tem de se vergar à corrente de ar que se faz sentir de momento na sala.”, *BK*, 36). A dessubstanciação do corpo do Eu encontra-se aqui verdadeiramente potenciada, tanto mais que o sujeito (nesta sequência particular é o homem que reza, uma outra duplicação da figura do narrador inicial) a vê na iminência de se tornar extensiva aos outros (com a deslocação sucessiva da entidade do narrador, é possível encarar este processo “epidémico” como paralelo): “daß einmal alle Menschen, die leben wollen, so aussehen

---

<sup>(11)</sup> Walter H. Sokel, *op.cit.*; James Rolleston — “‘Betrachtung’ — Landschaften und Doppelgänger”, in *Der junge Kafka*, pp. 184-212.

werden wie ich; aus gelbem Seidenpapier, so silhouettenartig, herausgeschnitten" ("todos os homens que queiram viver se parecerão comigo; recortados, como silhuetas, em papel de seda amarelo". *BK*, 37).

A articulação mais nítida, a chave de leitura se quisermos, deste motivo encontra-se no episódio *GB*, onde o questionar da linguagem verbal funciona como núcleo de reflexão, pólo convergente do texto.

## II. 2. Em torno de "Gespräch mit dem Beter"

### Varição 1ª: Omnipotência do pensamento

O passeio através de um cenário mágico, que aparentemente liberta o narrador da penosa companhia do seu conhecido, constitui um episódio<sup>(12)</sup> que descreve uma experiência dessa união originária, animista e harmoniosa, entre homem e natureza. A ansiada totalidade, nostalgia da indiferenciação pré-adâmica, parece alcançável através da acção do Eu: "Die Steine verschwanden nach meinem Willen (...) ließ ich einen massig hohen Berg aufstehn" ("As pedras desapareceriam segundo a minha vontade (...) fiz com que se erguesse uma alta e maciça montanha", *BK*, 20). Esta relação privilegiada, que se extrema ainda na sequência "Der Dicke", é, no entanto, fortemente relativizada por dois impedimentos essenciais: o espaço oscilante e a linguagem. Face à negação de um ponto de apoio, para o qual o sujeito vai avançando, o refúgio num espaço vertical não afasta a insegurança: "die Landstraße endete zerbröckelnd dort (...) da ich mich fürchte, auf Waldboden zu schlafen, kroch ich (...) auf einen Baum, der auch schon taumelte ohne Wind." ("A estrada terminava ao fundo, esboroando-se (...) Como eu tenho medo de dormir no chão da floresta, trepei (...) a uma árvore que também já abanava sem vento.", *BK*, 21). Perante a tentativa de tudo esquecer, permanece um ínfimo substrato de linguagem (algumas palavras soltas, a entoação), lembrando essa impossibilidade de (um outro) viver: "obwohl ich nicht träumte, war mein Schlaf doch nicht ohne fortwährende leise Störung. Die ganze Nacht durch hörte ich jemanden neben mir reden. Ich hörte kaum die

---

<sup>(12)</sup> Cf. sequência II.2. intitulada "Spaziergang", in *BK*, 20-23.



Wörter selbst, außer einzelne (...), sondern nur die Art ihrer Betonung (...) Freude darüber, daß ich die einzelnen Wörter nicht erkennen mußte" ("Embora eu não tivesse sonhado, o meu sono não estava livre de uma murmurante e contínua perturbação. Toda a noite ouvi alguém a falar ao pé de mim. As palavras em si mal as ouvia, à excepção de algumas (...) a não ser apenas o tipo de entoação (...) alegria por não ter de reconhecer cada uma das palavras", *BK*, 22).

O relacionamento problemático, patológico quase, em que sujeito e linguagem se movem, encontra, nos episódios centrais que compõem o fragmento *GB*, formulações de teor verdadeiramente parabólico.

#### Variação 2ª: Polifonia — A fuga dos nomes

Febre, enjoo em terra firme, calor sufocante, uma espécie de lepra (a palavra "Aussatz" aponta ainda para marginalização), são indícios que atingem o nível funcional de epíteto e da situação desesperada em que, na interpretação do narrador (o gordo), o homem que reza ("der Beter") se encontra mergulhado: um círculo vicioso que despoletado terá aquele modo exibicionista de rezar. Seguindo esta leitura, os verdadeiros nomes das coisas teriam sido, dada a sua manifesta insuficiência epistémica, inseridos num processo cíclico de (re)nomeação — (re)esquecimento. O poder de referência que é retirado à palavra através de uma renomeação pretensamente atabalhoada, destinada a apagar o vínculo nome-coisa, desencadeia, em vez disso, uma nova (e potencialmente infinita) necessidade de denominar, uma vez que se trata, afinal, de um procedimento de carácter superficial, apenas repetindo, sem o evitar ou suprimir, o "gesto" semiológico do homem: "Ist Euch nicht so, daß Ihr vor lauter Hitze mit dem wahrhaftigen Namen der Dinge Euch nicht begnügen könnt, davon nicht satt werdet und über sie jetzt in einer einzigen Eile zufällige Namen schüttet. Nur schnell, nur schnell! Aber kaum seid Ihr von ihnen weggelaufen, habt Ihr wieder ihre Namen vergessen. Die Pappel (...) schaukelt wieder namenlos und Ihr müßt sie nennen" ("Não tem a sensação de que, de tanto calor, não consegue contentar-se com os nomes verdadeiros das coisas, não se satisfaz e desata agora a despejar sobre elas, numa ânsia contínua, nomes ao acaso. Depressa, depressa!

Mas mal se afastou delas, esqueceu os seus nomes. O choupo (...) balança outra vez sem nome e você tem de lhe dar nome.”, BK, 32).

Assim, se, por um lado, este movimento centrífugo de subtração de uma referencialidade forte<sup>(13)</sup> parece encaminhar-se para o esquecimento dos nomes verdadeiros das coisas, com isso significando a esperança — impossibilidade da linguagem — de penetrar no seu âmago, a linguagem mantém-se enquanto memória do impulso nomeador fundamental, agora esvaziado e desfuncionalizado. “Die Pappel in den Feldern, die Ihr den ‘Turm von Babel’ genannt habt, denn Ihr wolltet nicht wissen, daß es eine Pappel war, schaukelt wieder namenlos und Ihr müßt sie nennen: ‘Noah, wie er betrunken war’.” (“O choupo dos campos, a que chamou a ‘Torre de Babel’ porque não queria saber que era um choupo, balança outra vez sem nome e você tem de lhe dar nome: ‘Noé, como quando estava bêbado’.”, BK, 32). Esta passagem, objecto de leituras variadas e divergentes<sup>(14)</sup>, constitui uma figuração desse movimento dialéctico que procurámos descrever. A Torre de Babel multiplica, deslocando-o, o signo “Pappel” a nível fonológico (sonorização), associando-se, no plano do significado, à verticalidade da árvore. Por outro lado, o teor simbólico da referência bíblica é aqui literalizado<sup>(15)</sup>, com uma encenação do castigo divino da confusão das linguagens, multiplicação que trágica e irreversivelmente debilita o vínculo que une palavras e coisas: a Palavra tornou-se intangível.

Noé bêbado faz regressar a figura paternal punidora que impede a visão da verdade, a sua nudez. A arbitrariedade na permuta dos nomes é apenas aparente — as associações feitas permanecem carregadas de referências culturais. No entanto, e paradoxalmente, o procedimento vai concorrendo para a opacificação: os novos nomes-

---

<sup>(13)</sup> Hans-Thies Lehmann — “Der buchstäbliche Körper — Zur Selbstinszenierung der Literatur bei Franz Kafka”, in *Der junge Kafka*, p. 214.

<sup>(14)</sup> Cf. os artigos de Wolf Kittler — “Brief oder Blick — Die schreibsituation der frühen Texte von Franz Kafka”, in *Der junge Kafka*, pp.40-67 ou de Hans-Thies Lehmann, *op.cit.*, pp. 213-241, a título de exemplo.

<sup>(15)</sup> Cf. Günter Heintz — *Franz Kafka — Sprachreflexion als dichterische Einbildungskraft*, Würzburg, Königshausen+Neumann, 1983, p. 84ss.



metáforas consumaram, por sucessivas deslocações-esquecimentos, o castigo.

### Varição 3ª: A gravitação das coisas

Esvaziadas da sua função referencial, as palavras pairam fora da órbita das coisas que, por conseguinte, vêm a sua corporeidade desmoronar-se: “Und ich hoffe von Ihnen zu erfahren, wie es sich mit den Dingen eigentlich verhält, die um mich wie ein Schneefall versinken” (“E tenho esperança que me diga o que é que se passa com as coisas, que à minha volta tombam como um nevão.”, *BK*, 33). A primeira versão do texto sublinha, nesta passagem, a nostalgia de um saber pré-linguístico da essencialidade das coisas: “daß ich immer glaube, die Dinge hätten einmal gelebt, jetzt seien sie versinkend. Immer (...) habe ich eine so quälende Lust, die Dinge so zu sehen, wie sie sich geben mögen, ehe sie sich mir zeigen. Die sind da wohl schön und ruhig.” (“De modo que eu penso sempre que as coisas teriam vivido um dia, mas estariam agora a afundar-se. Tenho sempre (...) uma vontade torturante de ver as coisas tais quais se dão a ver antes de se me mostrarem. Aí permanecem certamente belas e serenas.”, *E*, 217/8).

A onnipresença da linguagem na percepção do mundo origina, pois, um perspectivismo que impossibilita um contacto imediato, uma integração total e harmoniosa no universo das coisas. A brecha entre “*ser-existir*” e “*ser de*” abriu-se irreversivelmente, lembrando a relação de dependência para que o verbo *ser* encerra e que Kafka formula no aforismo: “Das Wort ‘sein’ bedeutet im Deutschen beides: Dasein und Ihmgehören.” (“A palavra ‘ser’ significa em alemão ambas as coisas: existir e ser dele.” (*H*, 45 — *IBS*, 239).

Substancialmente reduzido, senão aniquilado, o universo dos seus pontos de referência básicos, isto é, a relação com o divino, com o mundo, com a linguagem, resta ao sujeito somente pairar, tal como a linguagem, exibindo ainda (e apenas) o vestígio do seu corpo, essa dimensão mínima que é a sua sombra amorfa: “daß ich als Schatten ohne rechte Grenzen die Häuser entlang hüpfte, manchmal in den Scheiben der Auslagefenster verschwindend” (“Porque me hei-de eu envergonhar por saltitar ao longo das casas, como sombra sem

contornos definidos, por vezes desaparecendo nas vidraças das montras”, BK, 33).

Daí que a oração deste “rezador”, o prostrar-se diante do olhar de quantos se encontram na igreja, tenha como fim último recuperar a corporeidade que já não possui: “Man fürchtet manches. Daß vielleicht die Körperlichkeit entschwindet (...) daß es vielleicht gut wäre, in die Kirche zu gehen um angeschaut zu werden und Körper zu bekommen.” (“Tememos certas coisas. Que talvez a corporeidade se desvaneça(...)que talvez fosse bom ir à igreja para sermos vistos e ganharmos corpo.”, BK, 43). Longínquo ficou já o contacto com a divindade, com a palavra essencial — a oração não passa de uma prática exibicionista. Segundo W. Kittler: “Aus dieser Perversion des Sagens in ein Sichzeigen, das die Sprache in ihrer Funktion, als Mord an der Sache Beschwörung eines Abwesenden zu sein, ins Schwanken bringt”<sup>(16)</sup> (“Esta perversão do dizer num mostrar-se abala a língua na sua função de, enquanto assassínio da coisa, conjurar uma ausência.”). Aquele que reza procura, então, reconquistar, através da ostentação (das palavras e) do seu próprio corpo, a corporeidade (de ambos) que o olhar dos outros poderá recuperar (O olhar alheio havia igualmente lembrado Noé bêbado do seu corpo nu).

#### Variação 4ª: O corpo da linguagem dos outros

Consciente da solidez e da segurança que a linguagem aos outros proporciona, o “rezador” busca o seu olhar. Na realidade, se a “sua” linguagem se desfuncionalizou, para os outros ela assume dimensões bem mais corpóreas; por outras palavras, eles não põem em questão o seu inabalável poder referencial: “Dinge(n), (...) die um mich wie ein Schneefall versinken, während vor andern schon ein kleines Schnapsglas auf dem Tisch fest wie ein Denkmal steht.” (“Coisas que à minha volta tombam como um nevão, enquanto que para outros até mesmo um pequeno copo de aguardente se ergue sobre a mesa como um monumento.”, BK, 33).

---

<sup>(16)</sup> Wolf Kittler, *op.cit.*, p.49.



A naturalidade e a inconsciência com que abordam esse que para eles é um instrumento automático de comunicação, mantêm-nos na inocência que parece ser, afinal, uma possibilidade de viver: “‘Was machen Sie, meine Liebe? Ist das aber eine Hitze!’ Eine Frau antwortete aus dem Garten: ‘Ich jause so im Grünen.’ Sie sagten es ohne nachdenken und nicht besondes (sic!) deutlich, als hätte jene Frau die Frage, meine Mutter die Antwort erwartet.” (“O que está a fazer, minha querida? Mas que calor este!” Uma mulher respondeu do jardim: ‘Ando aqui por entre a verdura.’ Disseram aquilo sem reflectir e sem particular clareza, como se aquela mulher tivesse esperado a pergunta, e a minha mãe a resposta.”, *BK*, 33). A insustentável corporeidade que o sujeito pressente na linguagem torna-se-lhe estranha e imcompreensível, já que o vínculo linguagem-corpo, aqui lembrado através da afectiva figura materna-feminina, se quebrou para ele definitivamente.

Daí que, no final do episódio *GB*, se lembre a impossibilidade de aferir a linguagem por critérios como o de verdade: “Und Geständnisse würden am klarsten, wenn man sie widerriefe.” (“E confissões tornar-se-iam mais claras se fossem desmentidas.”, *BK*, 35). Linguagem, reduzida a metáfora das coisas, sujeito, convertido em ficção subsiste, ainda e apenas, a força perspectivista que os neutralizou, esse epidémico enjoo “em terra firme”.

### III. Kafka em contexto: o cepticismo linguístico da viragem do século

“Wie alles gesagt werden kann, wie für alle, für die fremdesten Einfälle ein großes Feuer bereitet ist, in dem sie vergehn und auferstehn.”

“Como tudo pode ser dito, como para todos, para os mais estranhos pensamentos está preparado um grande fogo, no qual se dissipam e ressuscitam.” Franz Kafka (*T*, 293/4, *ÜS*, 19).

O círculo praguense de intelectuais que se congregava nos começos do século em torno de Max Brod era um centro onde confluíam ideias e tendências dos movimentos de vanguarda estética. Em locais

como a “Lese- und Redehalle der deutschen Studenten in Prag” (Salão de Leitura e Conferências dos Estudantes Alemães em Praga), em cuja secção literária Kafka se empenhou activamente desde 1911, eram promovidos debates, conferências, ou mesmo a simples leitura de textos e de revistas contemporâneas, o que mantinha os autores praguenses em permanente contacto com Berlim e Viena, as capitais culturais por excelência daquele período no espaço alemão.

Pela “Lese — und Redehalle” passaram intelectuais como Karl Kraus, que em 1910 iniciou uma longa série de conferências, e Martin Buber, com um ciclo de alocuções sobre judaísmo, em 1909/10, duas figuras cujas perspectivas e reflexões críticas acerca da linguagem se tornaram marcantes para toda uma geração de escritores. No âmbito epocal da crise das linguagens, Hugo v. Hofmannsthal é igualmente uma figura bem conhecida dos círculos culturais de Praga. Neste período, o dos seus começos literários, Kafka era já leitor atento dos textos teóricos e ficcionais de Hofmannsthal, assim como dos escritos de Nietzsche. Este quadro de referências terá levado alguns críticos a defender a tese de que, devido ao contexto multilingue e multicultural em que se insere, Kafka dificilmente se poderia furtar a uma reflexão pessoal crítica em torno da linguagem, bem como a um especial interesse por textos focando essa matéria<sup>(17)</sup>.

Daí a propensão, desde os seus primeiros textos (e *BK* não constitui excepção), para fazer da poética do texto sobretudo uma poética da linguagem. Sem pretender esgotar o círculo de autores cujos textos e concepções acerca da linguagem terão sido particularmente marcantes para a poética kafkiana, parece-nos que Hofmannsthal e Nietzsche constituem dois eixos fundamentais para a compreensão da obra do jovem Kafka.

### III.1. Kafka e Hofmannsthal

“Hofmannsthal hat sich von der Aufgabe abgekehrt, die im Chandosbriefe auftaucht. Seine ‘Sprachlosigkeit’ war eine Art

---

<sup>(17)</sup> Günter Heintz, *op.cit.*, pp.15-20.



von Strafe. Die Sprache, die Hofmannsthal sich entzogen hat, dürfte eben die sein, die um die gleiche Zeit Kafka gegeben wurde. Denn Kafka hat sich der Aufgabe angenommen, an der Hofmannsthal moralisch versagte und darum auch dichterisch.” “Hofmannsthal furtou-se à missão que surge na carta de (Lord) Chandos. O seu ‘vazio de linguagem’ era uma espécie de castigo. A linguagem, à qual Hofmannsthal se subtraiu, deve ter sido precisamente aquela que, pela mesma altura, foi dada a Kafka. Porque Kafka assumiu a missão à qual Hofmannsthal sucumbiu moral e, por isso, também poeticamente.” Walter Benjamin<sup>(18)</sup>.

Pensa-se que Kafka teve acesso à famosa carta de Lord Chandos, na designação original “Ein Brief”, pouco tempo após a sua publicação no periódico berlinense “Der Tag”, em 1902<sup>(19)</sup>, o que permite sustentar a hipótese de que a recepção deste texto tenha precedido a escrita de *BK*, conto que revela nítidas afinidades com aquela carta. Outros textos do autor vienense, também ficções epistolares, as “Briefe des Zurückgekehrten” (Cartas do Regressado), datadas de 1901 e publicadas em 1907, entroncam igualmente em concepções da linguagem eivadas de cepticismo e, embora nos arrisquemos a entrar no domínio da especulação ao pretender ver um texto como *BK* à luz dessas últimas, parece-nos todavia relevante procurar uma visão integrada da obra de Kafka relativamente ao sentimento decadente da crise das linguagens.

Dois aspectos fundamentais se destacam do confronto entre o texto *BK* e os de Hofmannsthal:

1. A linguagem verbal, destituída da sua corporeidade, isto é, deslocada do plano referencial, constitui um obstáculo a um conhecimento da essencialidade das coisas, uma vez que alerta para o facto de ser uma entidade de medição e, como tal, modificadora.

---

<sup>(18)</sup> In carta a Th. W. Adorno, Paris, 7.5.1940, citado em *Benjamim Über Kafka*, (Hg. H. Schweppnhäuser) Frankfurt/M., Suhrkamp, 1981, p. 110.

<sup>(19)</sup> Cf. Gerhard Kurz, introdução a *Der junge Kafka*, p. 18.

2. O sujeito, face a uma linguagem progressivamente des-substancializada, tende a tornar-se homólogo a ela, ou seja, ambos progridem em direcção a um esvaziamento das instâncias respectivas, sem que se vislumbrem, a um primeiro olhar, reais alternativas no âmbito estrito da linguagem verbal.

Fazendo apelo a textos da correspondência de Kafka, poderemos evidenciar a sua evolução face a concepções, da escrita em especial, não raro ambivalentes no tocante ao cepticismo linguístico, confrontando-as com alternativas que Hofmannsthal propõe.

Na 4ª das *BZ* (26 de Maio de 1901) é descrito um percurso análogo ao da perda de sustentação operada pela linguagem verbal, tal como no passo de *BK* onde se perfilava a possibilidade de uma perfeita e harmoniosa união sujeito-natureza. Perante a crença de que o seu mal-estar civilizacional é de carácter europeu, sentimento decadentista de desajustamento face a um real tornado fonte de estranheza e a uma linguagem por ele contagiada, urge afastar os espectros dessa não-vida que paira sobre o nada: “ein momentanes Schweben über dem Bodenlosen, dem Ewig-Leeren” (“Um pairar momentâneo sobre o abismo, o eterno vazio.”, *BZ*, 4ª carta, 495). A linguagem pictórico-visual ergue-se, então, como força reveladora da essencialidade (“das Eigentliche”, “Wesen”) das coisas. Subsiste, porém, tal como no episódio de *BK* mencionado, uma tensão inultrapassável entre aquela e a linguagem verbal. Se a coisa em si é susceptível de ser percepcionada, dando lugar a um novo optimismo, ela permanece, contudo, no foro do indizível, uma vez que é pressentida como una e indivisível (“Unzerlegbares”) ante uma linguagem por excelência atomista e diferenciadora, incapaz de dar conta da sin-visão (“Gabe des Zusammensehens”) exigida para o desvendar dessa obscura interioridade das coisas: a sua (n)mudez é também a mudez da linguagem verbal.

Numa carta a Felice, Kafka transfere essa irredutibilidade para o par sujeito enunciador-linguagem, em que curiosamente é o primeiro que continuamente se encontra em situação de perda. Enunciando, o sujeito projecta a sua imagem nas palavras que lhe devolvem imprevisível: “Deshalb muß man niemals um die Sprache Sorge haben,



aber im Anblick der Worte oft Sorge um sich selbst." ("Por isso, não precisamos nunca de nos preocupar com a linguagem, mas, olhando as palavras, muitas vezes connosco próprios.", *F*, 218, *ÜS*, 130). Daí esse eterno combate na e pela (im)possibilidade de falar e escrever (que tantas vezes Kafka questiona) se processe necessária e obstinadamente adentro da própria linguagem verbal: "Nicht schreiben und dabei Lust, eine schreiende Lust zum Schreiben in sich haben!" ("Não escrever e ter em si um desejo, um desejo gritante de escrever!", *F*, 218, *ÜS*, 130).

### III. 2. Kafka e Nietzsche \*

"Jener Trieb zur Metaphernbildung, jener Fundamentaltrieb des Menschen".

"Esse impulso para a criação de metáforas, esse impulso fundamental do homem". Friedrich Nietzsche (*WL*, 887)

"Über Wahrheit und lüge im außermoralischen Sinne", texto nietzschiano de 1873, parece encontrar eco nas reflexões de Kafka acerca do ser da linguagem em *BK*. Embora não tenhamos notícia da recepção deste texto por parte de Kafka, muito menos aquando da escrita de qualquer das versões da obra, sabe-se que o autor d' *A Metamorfose* foi um entusástico leitor dos escritos do filósofo desde os tempos liceais (1900-1901).

Pela leitura de *BK* somos tentados a conjecturar que a advertência de Nietzsche, num texto como *WL*, foi assimilada. Com efeito, no fragmento *GB* ou mesmo noutras sequências do texto, é lembrado, de forma insistente, o esquecimento fundamental de que a linguagem se resume a um exército móvel de metáforas ("bewegliches Heer von Metaphern", nas palavras de Nietzsche). Iludindo acerca da verdadeira essência das coisas, a linguagem apenas encena possibilidades de sentido. Por outro lado, dolorosamente consciente

---

\* Só após a conclusão deste trabalho tomei conhecimento de dois textos que confrontam estes autores uma perspectiva semelhante (Cf. Bibliografia, o artigo de Ralf R. Nicolai, mas sobretudo o de Lukas Trabert).

de que as palavras não são senão categorias relacionais e arbitrárias, o sujeito do texto kafkiano não vislumbra tão pouco uma perspectiva de mudança em direcção a outras linguagens ou ao silêncio; vê, assim, pulverizarem-se as suas dimensões e instâncias de referência. O perspectivismo que reconhece agora na linguagem tornou-o consciente de si próprio enquanto mero interpretador, diluído num universo em permanente descentramento<sup>(20)</sup>.

Outros fragmentos de Kafka reiteram e reformulam, de modo mais conciso, a desagregação profunda que experimenta no contacto com a linguagem, no exercício da escrita. Numa página do diário, as metáforas são olhadas como móbil do desespero perante a escrita, porque lembram a sua total dependência, a impossibilidade de retirá-la do circuito (falsamente) hetero-referencial, isto é, em última análise, de torná-la autónoma, arte: "Die Metaphern sind eines in dem vielen, was mich am Schreiben verzweifeln läßt. Die Unselbständigkeit des Schreibens (...) nur das Schreiben ist hilflos, wohnt nicht in sich selbst, ist Spaß und Verzweiflung" ("As metáforas são uma das muitas coisas que me fazem desesperar da escrita. A falta de autonomia da escrita (...) Só a escrita está desamparada, não mora em si, é divertimento e desespero.", *T*, 550/1, *IBS*, 241). Daí também a ("Sensação de falsidade que eu tenho ao escrever.", *T*, 216/7, *IBS*, 192) "Gefühl des Falschen, das ich beim Schreiben habe."

O impulso para a verdade, que Nietzsche via reduzido à dimensão perspectivista, única que a linguagem permite alcançar, é corroborada pela afirmação de Kafka: "Geständnis und Lüge ist das Gleiche (...) Erst im Chor mag eine gewisse Wahrheit liegen." ("Confissão e mentira são a mesma coisa(...)Só no coro poderá residir alguma verdade.", *H*, 343/?, *IBS*, 241). Todavia, neste aforismo, que lembra o final de *GB*, é possível ler a abertura para uma verdade feita polifonia, passível de ser consubstanciada através da experimentação

---

<sup>(20)</sup> Embora isso não tenha carácter sistemático em *WL*, o sujeito como ficção é um dos pressupostos em que assenta a sua teoria do conhecimento. Por uma questão de espaço, não citaremos alguns fragmentos que sublinham esta problemática, limitando-nos a apontar os nºs 2., 14. e 63., incluídos na antologia *Sujeito e Perspectivismo* (Introd. e Org. António Marques), Lisboa, D.Quixote, 1989, respectivamente nas p.66, p.73 e pp. 95ss.



de várias vozes. Experimentar a polifonia na perspectivista linguagem parece, pois, ser o signo do combate kafkiano pela e adentro da linguagem, que ele próprio enuncia ao descrever a situação específica dos escritores judeus de língua alemã: "Sie lebten zwischen drei Unmöglichkeiten (...): der Unmöglichkeit, nicht zu schreiben, der Unmöglichkeit, deutsche zu schreiben, der Unmöglichkeit, anders zu schreiben (...) die Unmöglichkeit zu schreiben." ("Eles viviam entre três impossibilidades (...): a impossibilidade de não escrever, a impossibilidade de escrever em alemão, a impossibilidade de escrever de outro modo (...) a impossibilidade de escrever." (*B*, 336-8, *IBS*, 211). A libertação do destino traçado por uma entidade onnipresente far-se-á, então, e paradoxalmente, através dela e no investimento do sujeito nela, como anota Kafka na última entrada do seu diário: "Immer ängstlicher im Niederschreiben. Es ist begreiflich. Jedes Wort (...) wird zum Spieß, gekehrt gegen den Sprecher. (...) Der Trost wäre nur: es geschieht, ob du willst oder nicht. Und was du willst, hilft unmerklich wenig. Mehr als Trost ist: auch du hast Waffen." ("Cada vez mais receoso ao pôr as palavras no papel. É compreensível. Cada palavra (...) se torna uma lança voltada contra aquele que fala (...) o consolo seria apenas: acontece, quer tu queiras quer não. E aquilo que queres ajuda tão pouco que não se dá por isso. Mais do que consolo: também tu tens armas.", *T*, 585, *IBS*, 241). Essa arma é, em Kafka, a persistência de uma enorme vontade congenial de erigir a escrita de religião pessoal: "Schreiben als Form des Gebets." ("Escrita como forma de oração.", *H*, 348, *IBS*, 241).

O arraigado cepticismo ventilado no texto de Nietzsche, que coloca radicalmente em questão a linguagem, porque geradora de um logocentrismo cujo poder epistémico se reduz à dimensão do metafórico (de teor perspectivista) constitui para Kafka somente uma faceta da sua abordagem da escrita, na medida em que é uma aguda consciência dos limites da linguagem e, acima de tudo, dos seus próprios limites no relacionamento com ela (cf. *F.*, 305, *ÜS*, 132). A outra faceta, em permanente tensão dialéctica com esta, é uma obsessiva luta contra esses mesmos limites ("Ansturm gegen die letzte irdische Grenze" — "Assalto à última fronteira terrestre", *T*, 552/3, *IBS*, 212), em virtude de saber ser esse o seu modo de estar na vida e na escrita.

A linguagem não é, para Kafka, objecto preferencial de um

cepticismo exacerbado: ele tende antes a encarar o sujeito enunciadador como susceptível de fracassar a cada passo na sua relação com a linguagem, que permanentemente se subtrai ao seu domínio. Por outro lado, e daí a luta, a linguagem faz parte integrante do sujeito, inscreve-se literalmente no seu corpo (tal como a infernal máquina de *Na Colônia Penal*), como o próprio confessa: “Ich habe kein literarisches Interesse, sondern bestehe aus Literatur, ich bin nichts anderes und kann nichts anderes sein.” (“Não tenho um interesse literário, consisto de leitura, não sou qualquer outra coisa, nem posso ser qualquer outra coisa.”, *F*, 444f., *ÜS*, 137). Essa demoníaca tentação da escrita, de que Kafka se sente possuído, será levada a cabo como autêntica missão no combate pela suprema união do corpo com a linguagem, uma totalidade sempre no horizonte, se bem que, a seus olhos, tão raramente consumada. Ao cepticismo provocado pelos consecutivos fracassos sobrepõe-se, quer uma crença na linguagem como meio privilegiado de criar sentido(s) e uma pessoalíssima apropriação das coisas, quer uma euforia da sensação de plenitude. A perda da capacidade linguística, e isso torna-se nítido em *BK*, implica uma dessubstancialização do corpo — Kafka via-se, também ele, reduzido a um monte de palha (“Strohhaufen”), em 1910, após 5 meses de improdutividade (cf. *T*, 11-13, *ÜS*, 111/2).

A necessidade visceral de se entregar à escrita engendra uma profunda consciência dos limites que se lhe deparam, mas isso só faz acrescer a premência de um sempre inaugurado recuar desses horizontes para um plano em que o processo de redução de metáforas implique uma outra visão. Sedimentando embora a memória da sua metaforicidade, a linguagem esquece, no seu exercício, esse seu estigma. Tal como a oração do “rezador”, Kafka procura, na exibição da escrita o corpo, o seu, o da linguagem, que só o acto da escrita em si mesmo pode conferir, ao ser executado, ao ser visto. Uma nova autonomia se perfila, a libertação da referencialidade que falseia a relação com as coisas; o sujeito ensaia(-se) (n)uma nova harmonia com o corpo da linguagem, à medida que o vai (re)construindo, enunciando-se e (re)construindo-se a si mesmo, (re)criando(-se).



BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter — *Benjamin Über Kafka (Texte, Briefe, Aufzeichnungen)*, (Hg. v. H. Schweppenhäuser), Frankfurt/M., Suhrkamp, 1981.
- BROD, M. (Hg.), DIETZ, L. (Text Ed.) — *Franz Kafka 'Beschreibung eines Kampfes. — Die zwei Fassungen (Parallelausgabe)*, Frankfurt/M., S. Fischer, 1969.
- EMRICH, Wilhelm — *Franz Kafka (das Baugesetz seiner Dichtung — Der mündige Mensch jenseits von Nihilismus und Tradition)*, Bonn, Athenäum, 1958.
- HEINTZ, Günter — *Franz Kafka — Sprachreflexion als dichterische Einbildungskraft*, Würzburg, Königshausen+Neumann, 1983.
- KURZ, G. (Hg.) — *Der junge Kafka*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1984.
- MARQUES, A. (Introd. e Org.) — *Sujeito e Perspectivismo*, Lisboa, D. Quixote, 1989.
- TRABERT, Lukas — "Erkenntnis-und Sprachproblematik in Franz Kafkas Beschreibung eines Kampfes vor dem Hintergrund von Friedrich Nietzsches Über Wahrheit und Lüge in außermoralischen Sinne", in DVJS, H. 2, 1987, p. 298-324.
- NICOLAI, Ralf R. — "Wahrheit und Lüge bei Kafka und Nietzsche", Literaturwissenschaftliches Jahrbuch, 22 (1981), pp. 255-271.
- POLITZER, Heinz — *Franz Kafka der Künstler*, Frankfurt/M., S. Fischer, 1965.